

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## A mascara do aventureiro

O sonho de Arsène Lupin — Como se faz um chefe de Estado — Onde se relembra, sem querer, o senhor Alonso Costa — O grão duque e o bandido elegante — A incarnação dum sonho honesto

Numa das aventuras, do 813, Arsène Lupin — o gentleman do roubo — acalenta o sonho dum mando oculto, de reinar por detraz dum principe de Deux Ponts Veldenz que se chamará Hermann IV. Como uma vida desregrada de fomes e de miserias, ferira o autentico descendente do soberano, o aventureiro tomou um poeta que se ia suicidar, pensou em dar-lhe aquele estado civil e uma semelhança completa com o autentico e trabalhou com afan para o conseguir.

Chegou a cloroformisá-lo, a fim de lhe cravar no rosto uma incisão e para lhe cortar um dedo. Era a figura completa do imperante que se devia apresentar ao seu povo. No fim de tudo, não passava da mascara do aventureiro cuja ideia era servir a França, governando na sombra dum produto do seu genio.

Num dos seus impetos ante esse poetasito transformado em monarca, Lupin, exclamava, pondo a descoberto o seu intuito:

«Tu serás, grão duque por minha vontade. E principe reinante com uma lista civil e subditos para tosquiar. E um palacio que Carlos Magno reedificára e um dono que serei eu, Lupin. Compreendes papaivo? Levanta a cabeça, mais alto, ainda! Tu serás grão duque, eu te digo, grão duque de cartão? Seja! Mas grão duque quando animado do meu sopro e queimado pela minha febre. Fantoche? Seja. Mas um fantoche que dirá as *minhas* palavras, que fará os *meus* gestos, que executará as *minhas* vontades, que realizará os *meus* sonhos, sim os *meus* sonhos.»

Ele, Lupin, seria um pobre empregado escondido no meio da lacaia-gem mas a sua ambição era enorme. Dissimulado, simples jardineiro na

aparência, moveria o seu poeta tornado semideus pela sua vontade e bravura, arrebatadamente;

— «Que sonho! Cultivar flôres e mudar a carta da Europa!»

O outro, o vate, amigo do goso, das comodidades, dessa moleza dos artistas, capazes de tudo para seu regalo, egoista de bem viver em busca de rimas ou de frases, de obedecer com tanto que lhe deem a aparência do mando ou de vender tudo, figos ou consciencia, para conquistar o dinheiro preciso para o seu luxo, a sua pompa, o outro—esse poetasita encadernado em chefe do estado de Deux Ponts Veldenz— não seria senão a sua mascara. Ele puxaria os cordeis e o titere mover-se-hia, paradaria, mais para a direita, mais para a esquerda, de cócoras, de rastos, de cabeça alta, de mergulho, fazendo as vontades, os gestos, dele seu mestre, seu amo, seu dono, seu senhor!

A Europa saberia que naquele ducado germanico existia um principe que reconquistára o trono; o seu retrato appareceria nas illustrações, o seu nome fixar-se-hia nos compendios da historia e nas chancelarias, com o seu numero adiante, aquele IV, em romano, indicador duma ancestralidade real; o seu par saudalo-hia, soldados guardariam o seu paço, generais empenachados, cortezãos enopados em oiro, ministros servis, rodealo-hiam e escoltas de couraceiros, luzentes e marciais, acompanhariam o seu carro de gala. Ele não tinha senão que gosar tudo isso, viver como um nababo, de cerebro vasio, fazendo as suas continencias. Escusava de se preocupar, fosse com o que fosse, porque lhe bastaria assinar o que lhe trouxessem. Tudo lhe appareceria: os decretos e a lista civil em dia; as honrarias e os prazeres, os gritos de ás armas e as rosas do regio parque e nessa existencia aristocratica, realenga, regrada por um protocolo, só teria que dizer as *palavras do outro, fazer os gestos do outro, realizar as vontades do outro, tornar realidades os sonhos do outro*, do aventureiro, de Lupin, que desejava, cultivando flôres, mudar a carta da Europa, e de sob o seu chapéu de palha de jardineiro, reinar como se debaixo dele dissimulasse a corôa fechada.

Em todo o caso, o gentilhomem do roubo, esse singular bandido de gentileza e de genio, buscava redimir o seu passado de aventureiro, gracioso algumas vezes, no fundo contra a propriedade alheia, oferecendo ao seu país a maior de todas as audacias. E fabricára um soberano dum poeta vulgar, amigo das riras e do fabuloso, nado numa terra do sul, todo de moleza e de exhibição; arranjára um monarca dum gosador e atirava-o para a supremacia bastando-lhe, sob a acção do chloroformio, cortar-lhe um dedo, fazer-lhe, uma incisão na face. Eis o palhaço, eis o obediente, a maquina, o rei saído dum sortilegio, palhaço em saudações, sorrindo, entrando na historia e no Larousse, podendo fazer os seus versos desde que o outro—o seu senhor—reinasse na sua sombra.

Tal era a solução de Lupin; queria oferecer ao seu país alguma cousa de grande: servir á França um principelho alemão governado pelo genio dum francês aventureiro.

Era simpatico o intuito. Hediondo, miseravel, porem, seria ele se tentasse formar esse boneco, esse articulado, esse androide para o lançar sobre uma nação, com uma lista civil aumentada, magnificencias em redor, esplendores a deslumbrá-lo para, no fim—o que seria mais proprio dum ratoneiro de alta escola—explorar, guardar para si todas as vantagens, governar de longe e esticar as suas cordinhas, a mover os seus arames, reguladamente com fins pessoais. Sim, Lupin, seria não um romantico

salteador mas um autentico bandido, a ludibriar uma nação e o outro, no seu papel de automato, de submisso, pimpando a fingir, lunambulo do acaso e dum capricho, não passaria do cúmplice sacrificando tudo, vontade, dignidade, brio, a essa exhibição da chefia nominal dum país com soldados a apresentar-lhe armas, retratos nos jornais de todo o mundo, entrando na immortalidade pelo mesmo logar por onde o senhor Afonso Costa costuma sair nos electricos em dias de pavor.

E já que veiu ao talhe este nome, é curioso lembrar como a *Capital*, de 2 de agosto, o apresenta diante da eleição presidencial, do preenchimento do mais alto posto do país, do elevamento dum cidadão á suprema magistratura.

«O sr. Afonso Costa escolheu o sr. Teixeira Gomes pela impossibilidade de indicar uma individualidade partidaria, que difficilmente se aceitaria.

O sr. Afonso Costa precisa, absolutamente, na Presidencia da Republica uma figura anodina, de maleabilidade liquida, de espirito tão superior, que não dedique ás coisas da terra a minima atenção. . . Nestas condições, preocupar-se-ha insignificamente com a coisa publica — e, ainda menos com os trabalhos realizados pelo sr. Afonso Costa na qualidade de presidente da delegação portugueza á Conferencia da Paz. Ora, é, precisamente, este ponto que é vital para o sr. Afonso Costa.

O sr. Teixeira Gomes, que andou por lá, por essas mil conferencias da paz, com o sr. Afonso Costa, fez tanto como o misterioso embalador ambulante.»

E' assim que um jornal tão republicano que nem publica os nomes dos escritores monarchicos, mesmo quando eles escrevem obra de certa valia, apresenta — e, diz-se, que sob alta inspiração — o passo do senhor Afonso Costa em relação ao mais melindroso dos actos da republica. Apresenta a eleger, a mandar subir á cadeira presidencial, «uma figura anodina, de maleabilidade liquida, de espirito tão superior, tão superior, que não dedique ás coisas da terra a minima atenção.»

E para quê?

Naturalmente por um motivo patriotico, intensamente pensado para servir o seu paiz; decerto por um desses rasgos de genio que levam os homens a ficar na sombra, jardineiros cultivando rosas e movendo os grandes da terra, com o fim util de fazerem a felicidade dos seus cidadãos.

Pois não foi esse o motivo; o mesmo jornal republicanissimo, o assevera. Um grande pasmo nos enche; o povo fica surpreendido, ante tal revelação. O caso, movel porque assim procedeu o auctor da lei da separação foi muito diferente. Pessoal, inteiramente pessoal, para seu interesse, para seu proveito. A *Capital*, assevera-o, afirma-o. E' que outro presidente — o sr. Machado, por exemplo — «não desistirá de saber como correram essas cousas lá pelo estrangeiro e o que fez s. ex.<sup>a</sup>»; «surpreender-se-ha não encontrando um unico relatorio pondo o governo ao corrente do estado das nossas coisas»; «extranhará, enfim, que até agora o senhor Afonso Costa não tenha dado sinal de si — a não ser para a contabilidade do ministerio do Ministerio dos

*Estrangeiros». Depois, como «o paiz precisa saber, embora tarde, como o sr. Afonso Costa defendeu os nossos interesses, insistirá com o nosso delegado cronico á Conferencia da Paz para que nos elucide por menorisadamente».*

Não param ainda aqui as razões atribuidas, por aquele órgão da republica, á escolha do presidente pelo caudilho democratico. Declara que se o sr. Teixeira Gomes não fôr o chefe de estado vir-se-ha a saber «por exemplo, que a nossa delegação ás conferencias das reparações ficou tão profundamente surpreendida com elas, que só á ultima hora elaborou as suas memorias e os seus planos, baseados em calculos errados e com numeros fantasticos. E indagará porque isto aconteceu, sendo o sr. Afonso Costa, demais a mais, a nossa mais completa cerebração financeira, politica, diplomatica, etc.

Esta certeza apavorou o sr. Afonso Costa — que se defende, impondo o nome do sr. Teixeira Gomes. Para s. ex.<sup>a</sup> o sr. Teixeira Gomes é o Presidente ideal — porque não lhe perguntará pelos relatorios que se tem esquecido de enviar...

Esta é que é a razão primordial que levará, porventura, á Presidencia da Republica — depende de o Parlamento ter esquecido os agravos que o sr. Afonso Costa lhe tem feito — o nosso ministro em Londres».

São singulares as palavras da *Capital*, aqui trasladadas apenas no acaso do aparecimento do nome de demolidor de outras epocas sob o bico da pena que ia contando a vida de certo poeta alçado a um trono pela vontade unica de um aventureiro, em cuja alma havia o desejo de bem servir o seu paiz.

\* \* \*

Prossigamos na historia que aquela lembrança interrompeu: Lupin — ao fabricar o seu homem — pensava em redimir-se e todas as suas apostrophes eram para realizar uma bela obra e não para enriquecer, tampouco para occultar velhos crimes. «Oh! tu serás o grão duque por minha vontade. E principe reinante com uma lista civil e subditos para tosquiar! E um palacio que Carlos Magno reedificara, e um dono que serei eu, Lupin! Compreendes papalvo? Levanta a cabeça, mais alto, ainda! Tu serás grão-duque, eu to digo, grão-duque de cartão! Seja! Mas grão-duque quando animado do meu sopro, queimado pela minha febre! Fantoche? Seja. Mas um fantoche que dirá as *minhas* palavras, que fará os *meus* gestos, que executará as *minhas* vontades, que realisará os *meus* sonhos, sim os *meus* sonhos!»

Este rapinante, este ladrão de alto coturno, albergava na sua mente uma idea patriotica e confessava-a apenas a si mesmo:

«Serei o senhor; serei o dirigente. Para o outro, para o fantoche, o titulo, as honras. Para mim o poder! Ficarei na sombra. Nem ministro nem simples camarista. Nada. Um simples servidor.» Eram estas as suas ideas. Crear de um nada, de um poeta, mutilado para se dar a semelhança com o rei, perdido na miseria dos logares suspeitos, o soberano, mostrá-lo ao mundo, encher o Gotha com a descendencia desse Hermano IV de Deux Ponts Valdenz, e ele, no misterio, governar, ser o verdadeiro monarca.

Aquele manequim obedeceria á sua vontade; apresentar-se-hia no mundo fazendo os gestos que lhe indicasse e cada vez que desejasse

alguma cousa, nada mais faria do que puxar-lhe um cordel. Dinheiro? Tributava-se o povo. Condecorações para os apaniguados? O titere assignava. E ainda tudo quanto desejasse, desde os passos na politica á escolha de um official ás ordens, desde os menus dos seus banquetes ás altas concepções do Estado, desde as suas viagens, entre pompas, até ás palavras a pronunciar. Que belo sonho, o do aventureiro! Que extranha mascara a sua para o mundo, não seria a desse androide, poeta, amigo das rimas e do som, das pompas e do dinheiro! Tudo quanto ele mandasse faria, o real fantoche! A sua alma e a sua consciencia pertenciam-lhe. De Paris dirigi-lo-hia e lá, no seu trono, o boneco, mover-se-hia a seu grado, servindo a França ou praticando crimes, saudando quem ele mandasse ou escondendo infamias.

Mas não; isso não. Aquele aventureiro não tinha que occultar. Redimiam-se elevando o seu paiz sob essa figura anodina de maleabilidade liquida; não o roubava, não procedia em seu proveito pessoal. A caraça era automatica, mas posta para bom fim. Ao menos, seria uma mascara honrada, a de Arsène Lupin, gentilhomen do roubo, puxando os arames a Hermano IV, grão-duque de um paizinho germanico, perdido no fundo das montanhas e na amplidão do mapa.

# O Senhor Silva das Senhoras Bombas

Historias antigas de explosivos — O presidente do conselho e os bombistas — Republicanos que pagavam a dinamite — Bulça e Costa ás ordens do senhor Antonio Maria da Silva — O pagamento da letra.

Continuam a prisões de operarios acusados de bombistas e os jornais republicanos — falhos de autoridade neste assunto — louvam o govêrno ainda mais carecido de idoneidade para o lance. *A Batalha*, orgão sindicalista, se promove protestos e grêves é frouxa no seu ataque aos dirigentes — pelo menos na parte relativa a argumentação — e, entretanto, o chefe do gabinete — aquele que enriquecido, pouco a pouco, no commercio das lãs com o fabricante Pinto de Azevedo — chama a Lenine um dinamitista, arredonda, burguezmente, os seus patacos e defende-os dessa onda que, em nome da sua antiga cumplicidade, lhe pede contas.

Se dizem que dos melhores ladrões é que se fazem os mais habéis policías, ainda não está demonstrado ser dos incitadores ao crime e dos bombistas que sahem os melhores governantes. E entre os republicanos, hoje bem instalados na vida, houve quem incitasse crime: o presidente do conselho Silva, foi um autentico detentor de dinamite destinado a destruir o que impedia a sua marcha para a fortuna.

A organização sindicalista não foi sua cumplice. Houve, porém, anárquistas — alguns do meu conhecimento — que colaboraram com varios republicanos e com o chefe da Carbonaria, em especial. O que eles estão exigindo é o pagamento duma velha letra. O bombista de hontem, nada pôde, legitimamente, contra os bombistas de hoje. Esse papel de defender a sociedade pertence a quem nunca tenha mergulhado nos processos que se condenam.

As primeiras bombas que se manufacturaram em Lisboa — numa casa da rua de Santo Antonio à Estrela, numero 17 —, as que pelo menos inicialmente, com fragor se revelaram, foram carregadas com o dinheiro e o incitamento dum celebre republicano. A explosão deu-se porque um

inexperiente, chamado Rebordão, foi tentar uma soldagem, a qual só era feita habilmente pelo Antonio Alcochetano, um dos grandes elementos da revolta e também anarquista. Carlos Antunes—outro revolucionario de intelligencia lucida—era dos que fazia parte do grupo e jamais o governo de João Franco os descobriu e tampouco ás pessoas a quem deviam ser entregues os explosivos para experiencias. Eram o senhor Gastão Rodrigues, futuro deputado e o comerciante republicano, da rua do Vale de Santo Antonio, José Augusto de Vasconcelhos.

Isso, porem, é um detalhe. *A Batalha*, que entrou num caminho de combate, parece desconhecer quem foram os verdadeiros bombistas, aqueles a quem prognostico—por vezes, até em conversa,—o pagamento da letra, a colheita das tempestades nascidas do vento que semearam.

Aqui tenho o depoimento do revolucionario José Nunes—o qual—como os sindicalistas sabem muito bem—teve um altissimo papel, uma acção violentissima, nas diversas fases do 28 de Janeiro, suas sequencias e depois na revolução.

Um individuo que seria mais tarde, senador, chamado Manuel Martins Cardoso, encomendou a Carlos Antunes—meu amigo e operario da fabrica de armas—a confecção de bombas. O dinheiro para o *Alcochetano*, que o devia ajudar na manipulação, regressar de Madrid foi fornecido por um grande democrata. Os dois operarios puzeram-se a trabalhar à larga conforme escreve, por seu punho, José Nunes, personagem de basta acção revolucionaria:

*«Logo que o Alcochetano chegou a Lisboa, avistou-se com o Antunes e imediatamente iniciaram os seus trabalhos, e, empregando o maximo dos seus esforços, pouco tempo levaram, para apresentar um «croquis» do seu projecto ao sr. Martins Cardoso.»*

*«Aceite o projecto, e, atenta a pressa que o supradito senhor lhes impunha, trataram de fazer ferramenta mais apropriada para obstar a que o desastre da Estrela se repetisse. Procuraram depois o sr. Cardoso e fizeram-lhe sentir a impossibilidade da urgencia, a não ser que ele, como proprietario duma fabrica metalurgica, conseguisse o que não podiam.» Para isso aprasaram uma conferencia no estabelecimento dum cavalheiro chamado Correia, na rua do Ouro, estabelecimento de modas e alfaiateria, denominado London-Paris.» Ali se juntavam também o republicano que já foi deputado e gosa duma alta influencia Artur Cohen, alem do sr. Correia, do futuro senador e dum Artur Gama.*

Tudo isto narra o revolucionario Nunes bem como o fabrico de ex-  
poleta para as bombas. No proprio Arsenal do Exercito se fizeram varias peças para entregar ao sr. Cardoso e chegou-se a tal grau de confiança que—vejam se tem boa memoria—o senhor Correia Barreto lhes *«franquearia a entrada da fabrica de Chelas»* para com o grupo

de Abreu Castelo — o velho revolucionario que conheci junto de Machado Santos — realisarem uma obra avançada.

O senhor Afonso Costa, o senhor Grandela — e outros — conhecem muito bem como as cousas se passaram, sendo certo que desprezam hoje quem os ajudou a triunfar: os que apresentam a letra a pagamento.

Isto, porem, são revelações de revolucionarios. O que corre impresso — e com o consentimento do senhor Antonio Maria da Silva, senão fornecido por ele proprio a quem coligiu o livro, é muito mais edificante e encontra-se — reparem, os sindicalistas, no erro de desdenhar as biografias dos governantes — na pagina 50, da obra intitulada, *As Constituintes de 1911 e os seus deputados*.

Como não podia apresentar meritos literarios ou oratorios, o engenheiro Silva, hoje, presidente do concelho, explicou-se desta forma ou não protestou contra o que prepondera na sua existencia, o que representa a sua mais valiosa acção, a unica cousa que o atirou para o alto logar donde despede os seus raios fulminadores contra os humildes camaradas de outrora, os da letra em vencimento.

«FOI AINDA INCUMBIDO DA INSPECÇÃO DA «ARTILHARIA CIVIL» QUE FICOU Á SUA GUARDA E DOS COMERCIANTES NEVES E MARTINS CARDOSO. A OFICINA OU LABORATORIO FICOU ESTABELECIDO NA CALÇADA DE S. FRANCISCO.»

Era com este material encomendado do *Alcochetano*, a Carlos Antunes e a outros que se devia fazer o ataque. E quem o indicava, quem o impulsionava, quem o impelia, lá o diz o livrinho.

«FOI AINDA O DEPUTADO ANTONIO MARIA DA SILVA QUEM ESTABELECEU O PLANO DE ATAQUE AOS QUARTEIS DA GUARDA MUNICIPAL NOMEANDO OS GRUPOS, INSTRUINDO-OS, LEVANTANDO PLANTAS ETC. PARA CHEFÉ DUM DESSES GRUPOS, O DESTINADO A ASSALTAR O QUARTEL DOS LOIOS, O DEPUTADO SILVA HAVIA ESCOLHIDO O REGICIDA ALFREDO COSTA, QUE TINHA POR AUXILIAR O BUIÇA.

Não admira que desse contacto com os que deviam assassinar o rei — seria curioso averiguar o que sabe desse acto o actual chefe do governo portugûês — satsse a insensibilidade ante outros criminosos. Quem armou de bombas o Costa e o Buiça, deve, na realidade, deixar andar à solta o matador vilissimo de Sidonio Paes. O presidente do conselho deve saber onde ele se encontra mas dedica-lhe a sua simpatia.

Um antigo bombista, um propagandista, pelo facto, materialmente a pegar nas bombas para as depor nas mãos de quem as devia empregar, não deve ter perdido em escrupulos tanto quanto ganhou em medo. Naquele tempo mandava os cumplices arremeçar projecteis; agora receia que lhe façam o mesmo aqueles a quem ensinou — e em companhia de futuros regicidas — o manejo, e o processo, a acção.

«EM 28 DE JANEIRO — continua a mesma obra biográfica, a paginas 51 — O ENGENHEIRO ANTONIO MARIA DA SILVA E O PROFESSOR FERRÃO DISTRIBUIRAM ARMAMENTO E BOMBAS AOS REVOLUCIONARIOS QUE TRABALHARAM MUITO PERTO DO QUARTEL DO CARMO NUMA PEQUENA LOJA DE FUNILARIA DA CALÇADA DO SACRAMENTO.»

Ainda existe, no mesmo sitio, a officina. Que ironia do destino seria a de lá se armazenarem, agora, bombas para o ataque ao governo de quem tantos explosivos remexeu no local acanhado da casa do latoeiro. Não as arremeçava — é certo — mas incitava os outros, a canalha, a carne de canhão, aquela de que faria o seu cavalete para chegar à cadeia onde a sua altura jamais lhe permitiria guindar-se.

O presidente do conselho, bombista confesso, verdadeiro, tem ainda na consciencia tanto a impressão de serem os seus actos trabalhos honestos que os deixa incluir na sua biografia, fornece talvez os dados, pavoneia-se pela sua attitude e condena a dos outros, exactamente igual à sua.

Essas bombas que, de quando em quando, soam são ainda o echo das que mandou lançar o homem que, tendo lidado com assassinos, protegendo até quem devia ser preso pelo celebre caso de Cascais, a morte dum carbonario na Bôca do Inferno, hoje pretende defender a sociedade.

Aquela em que ele viveu, a dos seus cúmplices, acha-a tão perigosa que a encarcera para salvação da outra, da que é hoje a sua, porque subiu ao mando, enriqueceu e fala de ordem como se fosse tão inocente no fabrico, na distribuição e na incitação ao lançamento de explosivos, como os doces revolucionarios de agora, contemplativos, mansinhos, a irritarem ao som dos petardos dellagrados nas ruas, sucedaneos das que se encomendaram ao Alcochetano e a Carlos Antunes, dos que o senhor Antonio Maria da Silva metia nas mãos do Buiça e de Costa, naquelas horas em que achava bela «a artilharia civil» e vigiava o fabrico no «laboratorio».

E' sobre esta pagina, e outras ainda mais interessantes, que os sindicalistas devem meditar quando fazem ataques vagos, parecendo tactear no espaço e quando se lançam no desesperado gesto que aniquila vidas inocentes. Devem esta tarefa ao sr. Silva das bombas, que naturalmente acha os deles horripilantes. As de hoje são ordinarias, bombas de tu, enquanto as do presidente do conselho subiram a — suas ex.<sup>as</sup> as bombas.

# Autobiografia do senhor Teixeira Gomes

A sua infancia brincalhona — A sua adolescencia de curiosidades — A sua mocidade sensual — Ideias sobre as mulheres e o resto — Cicerone do amor atravez o mundo

*A SUA INFANCIA* (a pag. 59 e 60). No livro o *INVENTARIO DE JUNHO*, de que é autor o sr. presidente eleito:

Lembrava-me eu de esconder nas camas das velhas e assustadiças creadas de minha avó alguns caranguejos vivos, cujas torquezas lhes atanzaram as flácidas carnes quando as pobres se entregavam ás doçuras do primeiro sono. Foi noite de infernal reboliço. Uma das vítimas, que não lograva soltar a escorrida nadeга esquerda dos apertos com que a filara certa caranguejola ruivinha, da peor especie, teve a audacia de me entrar no quarto, praguejando-me e oferecendo-me uma roda de açoites. Tal atrevimento exprime bem a que elevado grau chegara a exasperação geral.

Ao dia seguinte, a prima Maria Barbara, instada por minha avó a que me increpasse sem piedade, só encontrou na aljava dos seus vituperios o seguinte dardo:

— Ai, menino, Deus lhe acuda com a sua divina graça, que essas são partidas de Luis Rodriguez!...

Mas quem era então esse tremendo Luis Rodriguez cujo espetro se evocava para confusão das minhas travessuras?

Esse Luis Rodriguez foi um grandissimo perdido!

*A ADOLESCENCIA* (pag. 66 e 67) da mesma obra e do mesmo autor:

O bicho mitológico tomou naquela manhã a minha fórma tetmeraria, pois entanto que as donzelas brincavam no mar, despia-me eu, emboscado por detraz de um leixão e nadava mansamente para o grupo. Ao mesmo tempo o catraeiro ia por terra apanhar os vestidos das moças e recolhe-los no bote.

A minha subita aparição provocou indizível terror, consternadissimo espanto, e tão exagerado rebate que logo se me aligurou tudo fingimento.

Com a pressa de fugir rasgavam-se-lhes as desfiadas saias para dar soltura aos braços, mas soltavam-se também os seios atrevidos, desvendava-se o marmore roliço das coxas e tudo o mais que o bom recato e a pudenda honestidade mandam que ande oculto.

*NA MOCIDADE* (pag. 176-177) da mesma obra e do mesmo autor:

— «Em termos imaginosos: o mais magestoso portico que se oferece ao forasteiro quando tenta penetrar em qualquer das atuais sociedades é sem dúvida a prostituição. Vem-nos ela, dizem, por atavismo, da promiscuidade das sociedades primitivas, mas diverso é o seu sentido por estes países onde a hetaira vive em casa sua, foge da promiscuidade, e elege o macho que lhe ha de garantir a independencia. És novo, não te conheço hipocrisia; assim, julgo oportuno trazer à balha semelhante assunto. A prostituição é a primeira das molas reais destas sociedades, o fermento do luxo, da riqueza, e das enfermidades que tanto lucro dão ás principais industrias modernas: a terapeutica, a farmaceutica e a filantropica. Se desejás conhecer bem um povo, estuda-lhe bem a prostituição.

*CURSO E APLICAÇÃO EM SEVILHA* (pags. 23 a 25 e 56 e 175) das *Cartas sem moral nenhuma* escritas pelo sr. presidente da republica eleito:

«Deixo-lhe então, meu amigo, as noites sensuaes de Sevilha, essas noites de cruciante deboche, de bestialidade, de sadismo, algemado à embruxada carne de umas bailarinas desgorjadas e sovadas, mas cujo suor e cujo sangue me eram suaves e deleitosos, como no abraçamento da sêde o sumo de sazoados frutos; de umas bailarinas que resuscitavam da sufocação do meu corpo, do apolear mortal dos meus braços, para os moventes frisos em que desdobravam as suas danças engendradas nos misterios infames de não sei que lascivos e olvidados ritos ou que infernaes liturgias, e se faziam assim cada vez mais desejadas, mais apetecidas, mais necessarias; e de entre elas — como num canteiro de flexuosas papoulas levantinas, dobradas ao peso dos tumidos novelos purreos em que florescem — traçar o altivo, puro jacto, do lirio branco que foi o corpo insexuado da minha — unica! — «Rosario», dulcissima caçoila de perfumes onde se acoitava a alma enxovalhada da rameira — como em adorado relicario um gaz mefítico — corpo, que eu comprei, à viva força violado — o impudor da alma não sujeitára ainda o pejo da sua carne — corpo mimoso e cheio como a rosa de cem folhas, por onde me integrei nas beatitudes de um altissimo goso.

Bem prevenido desejaria eu conclamar o que aqui ha de sublime ou pitoresco a par dos regalos sensuaes — não para condenação destes — e no tentamen de caracterisar quasi encetei um «guia oficial» que me entenebreria a existencia, nos emaranhados crepes do aborrecimento, se porventura porfiasse em o levar a cabo, correndo todas estas igrejas e palacios.

A Cecilia tem a consciencia exacta de quanto vale despida. Viveu

até aos dez anos descalça, na serra, e os pés, perfeitos, conserva-os intactos mau grado as elegantes botinas de tacão alto, a cujo molde os sujeitou, vai para dois anos, por culpa do amante. Este senhor é homem dissoluto, conforme depreendi do que ela a seu respeito referiu, e fotografou-a repetidas vezes, em diversas posições estudadas, nua, mas conservando-se de meias e bolinas... Para arranjar fundos aos quadros colgava nas paredes colchas preciosas de que ela me mostrou a coleção admirável.

Eu observei-lhe:

— «O teu amante além de libertino parece-me homem de pouquissimo gosto... Tu és incomparavelmente mais formosa descalça e para to provar vamos repetir as lições que elle te deu mas sem botinas nem meias...»

As atitudes academicas ajuntava ela outras de sua invenção; a mais atraente era de joelhos sobre a cama, sentada nos calcanhares, com um sorriso malicioso e quieto, a apontar para mim os bicos dos seios hirtos, cada um em sua mão... Era imagem que o poeta aceitaria para pôr à entrada do palacio da Ventura.

*APRECIACÃO DE S. EX.<sup>a</sup> SOBRE OS MADEIRENSES E A «PORTUGUEZA»* pag. 136 e 137 do mesmo volume:

Vem a pelo notar-lhe que a guerra do «Transvaal» ateou na população madeirense o fogo da discordia. Por serem de diversa tendencia partidaria muitos namorados retractaram as promessas matrimoniaes, muitos amigos se esbofetearam publicamente, e muitos co-herdeiros, embora de maioridade, exigiram partilhas judiciais. Ou elles não fossem, os dignos filhos da briosa raça portuguesa, capazes de afrontar as maximas catastrofes para que «Roberts» ou «Kruger» levem virtualmente a melhor nas suas contendas, nesse empenho tão acesos como indiferentes a tudo quanto lhes vai por casa e sem animo para — ao menos — meter facas aos cevados nacionais que lhes transformaram a patria em pocilga.

Este bonito — ardente — periodo deve ser relido ao som da «Portuguesa» assobiada, ou do «hino da Restauração» na guitarra, consoante, caro amigo, a musica das suas atuais disposições patrioticas...

*A CONSCIENCIA DO SENHOR PRESIDENTE ELEITO* pag. 188:

A minha consciencia é um espelho impudico e muito limpido, cobiçoso de todas as imagens que brilham...

*OPINIÕES DE S. EX.<sup>a</sup> SOBRE AS DAMAS DA ALTA SOCIEDADE*  
(Da mesma obra pg. 73)

Era mulher apropriada a exercicios para manobras alpinas; de se lhe marinhar pelas obras da frente e descer pelas trazeiras com o auxilio de cordas de nós e escadas de incendio.

Para acudir a tudo isto, penso eu, exibem os chupados indigenas do sexo forte, no sitio proprio, como em idoneo escaparate, volumes que, a não serem artefactos de embusteiros, excedem o pão de trinta réis, tor-

cido em fôrma de garrocho, com o qual certo pintor parisiense de grande fama aumentava a freguezia, enfeitando-se quando tinha de retratar, estando presente o modelo, alguma dama dalta gerarquia.

*IDEAS DE S. EX.ª SOBRE A MOAGEM E O PÃO DE SEU AGRADO*  
(pag. 102 e 103).

Sítios são esses por onde se comia ainda ha bem poucos anos o pão de trigo rustico, perfumado, trigueiro e levemente glutinoso, de quando a industria das farinhas balbuciava as suas primeiras trapaças. Comi desse pão com surpresa e delicia, pensando ser do mesmo que a «Sulamitis» mastigava nas perolas dos seus dentes. Pão trigueiro, macio, à imagem do ventre dela: «monte de trigo cercado de açucenas»; ventre morno, mineiro, com effluencias de pão quente, para ser beijado e mordido...

*PRAZERES DE VIAGEM EM ITALIA* (pag. 25 e 26) do *INVENTARIO DE JUNHO* do mesmo autor)

Todos os dias visitava, à mesma hora, a pequenina «Giudetta Gigli» que certa rufiana me oferecera em «via Toledo». «Giudetta» era bergamesca e talvez judia. Tinha doze anos, o cabelo vermelho como chamas na escuridão da noite e leves reverberações de aurora nos seios agudos. Reebia-me nua, cercada das labaredas do cabelo solto, estendida — toda ela miudinha e perfeita — no leito imenso, sobre uma colcha de damasco carmesim...

Mas tres dias dessa vida extenuante embotam os sentidos, despedaçam os nervos, dilaceram os musculos.

*À VOLTA DE UMA VISITA À ESQUADRA INGLEZA.*

Devem vir do campo e pensam que ninguém as vê...; a apostar que se vão despir e que a gente as vê nusinhas...»

— «Deixa-as lá...»

Despem-se com efeito, entre risos que mal ouvimos. Ambas são triqueiras comquanto mostrem nos braços uma alvura que os rostos não faziam suspeitar. Diferem consideravelmente na idade. A uma delas alteia-lhe a camisa no peito com exuberancias de amajo e na outra cae em pregas pelo gracil corpinho abaixo. Riem; riem muito, a porfiar qual delas ha de primeiro despir a camisa. É a mais nova que se decide: mostra no torneado tronco dois meios limões agudos onde a outra põe logo os labios; depois esta abre tambem a camisa, soltando os tumidos seios maduros que a outra apalpa.

*CRITICA DO SENHOR PRESIDENTE ELEITO AOS SEUS CON-CIDADÃOS* (pag. 313 do *INVENTARIO DE JUNHO*)

...e não tema nem o silencio nem a apreciação em um país onde toda a gente, fóra de todo o propósito, trepa à cathedra e doutrina sobre o

que absolutamente desconhece, e onde os mestres profissionaes, num vasconço que mais realça a intenção pedantesca — da qual julgam tirar efeitos fulminantes — só armam trovoadas de palanfrório, trovoadas secas, perfeitamente inofensivas...

*APRECIACÃO DA ESTATUA DE EÇA DE QUEIROZ* (pag. 288)

São capazes de tudo... A coisa entra logicamente na serie dos monumentos allacinhas: fica entre o Martins e o Eça... Que este andou com sorte. Tambem, exauriram-se os recursos da arte nacional para inventar aquella complacente colareja nua que, de costas voltadas para o fantasista, como que o incita ás mais aberrativas praticas sexuaes.

*O QUE PENSA DA LITERATURA* (pag. LXVII, do *AGOSTO AZUL*)

Sem literatura de especie alguma nem boa, nem ruim, nem aberrativa, nem moral — singular caso de desagregação onde gorgulham literatos — é o campo sonhado para luzir todas as audacias; podem-se lançar à terra quaesquer sementes que a sua vegetação nunca tolherá o passo seja a quem lór... O poeta contempla-se, no gesto lindo de as espalhar, e vem muitos anos depois encontra las tões quais as deixou e tão bem conservadas que, se quizer, as recolhe de novo para as levar comsigo à sepultura...

Como não exista entre nós o corpo compacto de uma literatura mais ou menos autochtóne e consistente, excrementando oficialmente para o publico, este sucumbiu de inanição e já se pulverizou... Assim os nossos homens de letras, mesmo os matriculados e autenticados, vivem no isolamento astral, alumando uns para os outros, sem mais intuito além de conseguir que lhes reconheçam titulos suficientes à gerencia da «Vernaculidade» e com mil filaterias judaicas insinuam, à mingua de provas artisticas, em criticas auto-biograficas, a supremacia dos seus respetivos talentos, — pulchritude nas boas contas, arminhos de folha corrida e preservativos de catecismo — estiano-se nos louvores interesseiros de outros engenhos igualmente primazes... Para acentuar o cunho de tradicional luzitanismo aparecem ainda á antiga, quase transparentes, lorrados por sobrecasacas poídas, a palitar os dentes, não dos restos de saborosos acepipes, mas sómente das musgosas vegetações que rompem no empedrado das calçadas por onde nada passa...

*CICERONANDO AMORES* (pag. XLVII, do *AGOSTO AZUL*)

Essa beldade que o povo saudava na rua com requebros eroticos e cuja aparição na praça de toiros era aclamada com delirio e que durante a Feira os elegantes, indigenas e forasteiros, perseguiram fascinados, invejando-me a gloria de a levar pelo braço; essa fonte de celestes amavios era exclusivamente safica e salica inapaziguavel...

Un angel venia  
per darli alegria  
se'n torna plorant...

recitara eu mentalmente ao nosso primeiro encontro: e era eu quem conduzia o anjo aos bordéis, compassivo ao seu vício, em busca de mulheres que lhe servissem...

### O QUE UM TIO DE S. EX.<sup>a</sup> PENSA DA FAMILIA

Diante de uma senhora:

— Ah! estes Teixeira's são o demonio!...

— São o demonio, sim, minha senhora; mas nasceram com o rabo ás avessas, para prazer de v. ex.<sup>a</sup>...

E eis aqui, sem o menor trabalho meu, o novo presidente da republica pintado por si proprio nas suas mais intimas sensações nos seus menores detalhes, numa autobiografia para se arquivar nestas paginas destinadas ao futuro. Assim entrando o chefe de Estado em Belem e na historia, pela vontade do Parlamento, entra tambem nas grandes tiragens em virtude do apreciado genero que cultiva e que a policia costuma apreender com todos os meus protestos. Vulgarisa-lo é immortalisa-lo; arquivalo aqui é torna-lo inapreensivel. E por isto eu não peço nem mesmo o valor de composição e ainda menos a placa S. Tiago.

Roberto está radiante e eu goso com a felicidade de Roberto, o qual exclama pasmado: Tudo isto será verdade?

E eu respondo-lhe:

— O' mariola! Queres duvidar do que escreveu s. ex.<sup>a</sup> o senhor presidente da Republica?

## A fantochada do duelo

Fui, ha dias, procurado pelos srs. D. Sebastião de Heredia e dr. Alvaro de Castro, pessoas estimaveis, e o ultimo meu amigo de tu, que com o ar grave de quem viesse assistir ao meu funeral, appareciam a declarar-me existir um individuo, que julgando-se ofendido por critica minha, pedia, por, intermedio deles, algumas gotas do meu sangue. Era a fantochada do duelo trazida em tanta severidade que eu logo desmanchei rindo e — depois de se evocar as trez vezes em que caíra em tal grotesco — li-lhes o artigo inserto neste panfleto sob o titulo *O duelo e seus apostolos*, no qual me revolto contra tal exhibição. Ha quem não se bata por religião, ha quem não aceite desafios por vêr nisso um anacronismo, eu, porem, recuso pelo ridiculo e pela lembrança, hoje inapagavel, tanto dos personagens que atirei, de ferro em punho, para a lide nos meus romances da mocidade, como dos que vivos tenho visto a trocar *duas balas sem resultado*, ou debruçados sobre as comicas actas da *honra para ambas as partes*, o que inibe desde logo de continuar ataques a quem muito mal pode ter praticado e assim se salva e se redime sem mais castigo. Mesmo que não tivesse expresso aquellas ideias no n.º 17 dos *Fantoches*, eu não me sentiria no direito de anistiar o sr. Couceiro da Costa, a pessoa que se julgava ofendida e me enviava aqueles respeitaveis cavalheiros. Falar-me em codigos de duelo é como evocar a Biblia para um mahometano. Sabe-se, porem, e assente ficou, em meu espirito, que onde encontrar o homem a quem a republica deu honrarias sem lhe dar character, o sr. Couceiro da Costa, usarei para com ele dos processos, de ha muito, habituais, em mim, e pelos quaes eu, apontando os titeres, não entro no que reputa uma ridicula exhibição.

Guardo todos os meus direitos tão integros para tratar dos escandalos pelo plenipotenciario praticados nos clubs de Lisboa, e na legação de Madrid, como espero guardar sem precalço a minha pessoa não pensando o mesmo da do desafiantel Manda-me testemunhas para duelos ridiculos; eu apresento ao país testemunhas de miserias e de ignominias. Não fujo; espero até procurar o adversario. Só uma cousa me aterrorisa na vida: o comico das actas.

Assente, pois, que mais do que nunca vou exercer os meus direitos, resta-me prevenir quem tem a audacia de se julgar agravado de que talvez o poupe — isso depende da sua atitude, no momento do castigo — ao que Rochefort inflingiu ao marechal perseguidor e triunfante e que o atingiu mais na alma do que no corpo.

